



ESPAÇOS DE COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA E FORTALECIMENTO DA AUTONOMIA FEMININA: A EXPERIÊNCIA DO MERCADO DA VIDA EM BONITO - PE¹

PESSOA SOUZA, Beatriz¹, DUBEUX, Ana²

¹ Aluna do curso de graduação em Engenharia Agrícola da UFRPE, Recife, beatrizpsouzaa@gmail.com

² Dra em Sociologia, professora da UFRPE, Recife, anadubeux66@gmail.com

RESUMO

Esse trabalho reflete sobre a transição agroecológica das agricultoras do Mercado da Vida em Bonito - PE, e como essa experiência influencia sua emancipação e autonomia. As reflexões são uma análise de sua vivência, tanto no mercado, quanto nas relações familiares, e sua importância na segurança alimentar e nutricional, assim como, no desenvolvimento da agroecologia nesse território. A presença das mulheres garante um olhar multidimensional, essencial à construção da Agroecologia. O texto reflete sobre o lugar das mulheres no processo de transição agroecológica e da economia solidária, compreendendo como ele contribui para sua emancipação, inclusive no que se refere à divisão do trabalho doméstico, e em que medida a articulação entre agroecologia e a economia solidária potencializam a discussão do feminismo no território.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia, Feminismo, Trabalho Doméstico, Economia Solidária

INTRODUÇÃO

O Feminismo e a Agroecologia fazem parte da construção de um mesmo projeto de transformação da sociedade, buscando que se garanta a soberania dos povos sobre seus territórios e se promova a produção e o consumo de alimentos saudáveis a partir do uso e manejo sustentável dos agroecossistemas, ao mesmo tempo em que se reconheça o conhecimento, o trabalho e a contribuição econômica das mulheres para a sustentabilidade da vida e se promova autonomia, igualdade, liberdade. (ANA, 2008, p. 68).

O feminismo é uma filosofia que traz uma necessidade constante de compreender o contexto político para construirmos estratégias e táticas de luta por um mundo com justiça, igualdade, liberdade, paz e solidariedade entre as mulheres. O movimento denuncia a experiência masculina, que tem sido privilegiada ao longo da história, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada. De acordo com Butler (2003), é a articulação entre o capitalismo, o patriarcado e o racismo que se expressa de maneiras diferentes ao longo da história. Desse modo, é importante compreender que o poder entre as desigualdades de gêneros foi, e ainda é, predominantemente masculino, e seu principal objetivo é a dominação das mulheres, especialmente de seus corpos.

Segundo (Coltrane et al, 2000), alguns estudos sobre a organização familiar constataram que as práticas familiares tradicionais não mudaram significativamente. Apesar do ingresso em massa das mulheres no mundo do trabalho, as mulheres continuam a contribuir duas a três vezes a mais do que os homens para as realizações das tarefas domésticas e dos trabalhos externos para complementação da renda.

¹ Relato de experiência a partir de projeto de pesquisa e extensão.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

Em uma sociedade em que o capitalismo e o patriarcado estão intimamente entrelaçados, há uma hierarquização dos trabalhos, onde o produtivo em geral é de domínio masculino, e tem valor mercantil, gera troca monetária e reconhecimento social. O trabalho feminino, neste âmbito, é percebido como ajuda, o que pode ser constatado, por exemplo, na jornada de trabalho de 21,7 horas semanais declarada pelas trabalhadoras rurais à PNAD de 2006, enquanto os homens informaram trabalhar em média 39 horas por semana nas atividades agropecuárias (MELO & DI SABATTO, 2009, p.56).

A divisão do trabalho na agricultura familiar relega, via de regra, para o segundo plano as atividades femininas. Historicamente, as mulheres foram responsáveis por tarefas sem valor econômico, ligadas à reprodução da família, como o trabalho doméstico, a criação de pequenos animais e a horta, cujos produtos são destinados ao autoconsumo. Aos homens, destinam-se as atividades ligadas a grandes culturas, com poder de decisão vinculado ao uso dos recursos financeiros. Desta forma, um abismo de gênero forjado pela ideologia patriarcal se reforça, mantendo o trabalho e expressão da mulher na invisibilidade.

Nos processos de transição agroecológica, desenvolvidos a partir da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - INCUBACOOOP da Universidade Federal Rural de Pernambuco, o olhar tem sido focado na família, mas com uma atenção especial ao processo de autonomia das mulheres na construção da transição. O que observamos neste processo é que a sensibilidade das mulheres para a transição agroecológica faz com que consigam “sair na frente” em termos da compreensão da importância da agroecologia.

Guérin (2005) faz uma constatação interessante no que concerne à participação das mulheres nos empreendimentos solidários. Segundo ela, muitas dessas experiências são animadas por mulheres e destinadas às mulheres. Isso se deve ao fato de que as mulheres, na maioria das vezes, necessitam conciliar a vida profissional com a vida familiar, e têm maior dificuldade de ter acesso à propriedade e ao crédito. As mulheres, frequentemente, são as primeiras a se mobilizarem e a se auto-organizarem.

Neste artigo, analisaremos a experiência do Mercado da Vida, onde temos percebido duas coisas importantes. Uma delas é que a maior parte das mulheres viviam em condição de isolamento e vivendo suas dificuldades de maneira solitária em seus sítios. O processo de transição agroecológica, bem como a criação de circuito curto de comercialização através do espaço de comercialização coletiva, com posterior criação de organização de controle social e associação, modifica de forma significativa a vida das mulheres tanto no sentido de sua sociabilidade, quanto em termos da sua autonomia econômica e emancipação.

METODOLOGIA

O presente estudo se inspira nas experiências relatadas da sistematização de vivências das mulheres atuantes no Mercado da Vida e nas suas relações interpessoais. Visto que se dispõe a integrar os temas atuais, como a transição agroecológica no Mercado e o protagonismo feminino das agricultoras, valorizando



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

e reconhecendo as atividades produtivas e reprodutivas das mulheres, e, mais do que isso, buscando a sua justa divisão, em especial do trabalho doméstico e de cuidados, nesses espaços.

Sob esta perspectiva, o processo de transição agroecológica não é um processo unilinear, mas, sim, de múltiplas dimensões. Embora a dimensão econômica costume representar uma categoria fundamental nas análises teóricas e empíricas que tratam esta questão, aqui propomos a inclusão das dimensões social, racial e de gênero, a fim de estabelecer um quadro teórico de caráter qualitativo e participativo que permita a compreensão das razões e atitudes envolvidas nesse processo. Para tanto, optamos por usar a pesquisa-ação como referência (THIOLLENT, 1985), (BRANDÃO, 1985) e (MORIN, 2004) .

Assim, a base teórico-epistemológica e política do trabalho realizado tem uma relação direta com a opção metodológica que visa empoderar e gerar autonomia de agricultoras e agricultores envolvidas e envolvidos nesse processo, para que se sintam sujeitos de sua própria história, construindo conhecimento a partir da reflexão crítica de sua própria realidade. Para tanto, as abordagens utilizadas aspiram a participação em processos amplos e contínuos de construção do conhecimento a partir de um Diagnóstico Rural Participativo (DRP). Para além disso, o motor de articulação e mobilização do trabalho é a emancipação e o discurso transformador dessas condutas nas relações sociais e, sobretudo, no âmbito do trabalho. Temos, assim, o trabalho como princípio educativo de articulação das ações de pesquisa e extensão.

No caso específico do trabalho com as mulheres, fizemos um trabalho de reflexão inicial para orientar o trabalho sobre o feminismo em 2019, fizemos uma reflexão com as mulheres acerca de sua condição feminina. Fizemos duas perguntas norteadoras: “Sua vida mudou depois do Mercado da Vida?” e “Como a divisão do trabalho doméstico foi afetada depois do Mercado da vida?” É a análise destas reflexões que serão aqui apresentadas, a partir do cruzamento de reflexões feitas ao longo do trabalho realizado com as famílias agricultoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município de Bonito, considerado uma das 7 maravilhas de Pernambuco, faz parte da mesorregião do Agreste pernambucano. Está inserido numa área de transição entre a Zona da Mata e o Agreste do estado. O município se destaca principalmente pelas áreas de remanescentes de mata atlântica, bem como por sua abundante produção de água para as bacias hidrográficas dos rios Una e Sirinhaém. A partir de 2008, Bonito começa a destacar-se ambientalmente, através de uma ação da gestão municipal que avançou na discussão e criação de três unidades de conservação – UC - em seu território. Desde então foram formalizadas a Reserva Biológica Municipal da Mata da Chuva, o Parque Ecológico das Matas do Mucuri e Himalaia e o Parque Municipal Orquidário Natural da Pedra do Rosário. Essas UC estão localizadas em áreas estratégicas com corredores ecológicos naturais, reservas florestais particulares e uma enorme malha de mananciais hídricos compostos por nascentes, riachos, cachoeiras e pequenas e médias barragens.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

No cenário econômico pernambucano, Bonito também se destaca no setor agropecuário. O município segue a tendência da região Agreste apresentando diversidade de estabelecimentos agrícolas, em destaque a ampla expressão da agricultura familiar presente em seu território. O número de estabelecimentos agropecuários de agricultura familiar na região Agreste é de 133.135, quase a metade (48,29%) de um total de todo o estado de Pernambuco que é de 275.720 de estabelecimentos deste tipo, presentes majoritariamente na zona serrana do município, com produção de frutíferas, tubérculos e algumas espécies hortícolas (IBGE, 2006).

O trabalho desenvolvido visava iniciar um processo de sensibilização e combate contra o uso de agrotóxicos e de recuperação e conservação do meio ambiente. O início deste processo esteve vinculado à constatação dos problemas ocasionados pelo uso de agroquímicos, tanto do ponto de vista ambiental, como do ponto de vista da saúde das pessoas.

Diferentes grupos de várias regiões do Brasil e do mundo têm travado uma luta contra os agrotóxicos na busca por uma alimentação saudável. O consumo de agrotóxicos pelos brasileiros chega a 5,2 litros por habitante, ou seja, o veneno está cotidianamente em nossas mesas em diferentes produtos e proporções. Para além disso, ao proporcionar processos de transição agroecológica junto às famílias agricultoras, foi iniciado um processo de comercialização solidária com os produtos agroecológicos originários da transição.

O trabalho dos parceiros no município de Bonito inicia-se no final de 2016, a partir da articulação entre a UFRPE o Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), o Coletivo Aimirim e a Prefeitura Municipal do Bonito (PMB). O IPA já vinha desenvolvendo um trabalho com um grupo de agricultores no sentido da transição agroecológica e vinha dialogando com a prefeitura buscando construir um espaço de comercialização coletiva de produtos agroecológicos. Uma oportunidade se apresentou quando a prefeitura, em novembro de 2016, propôs ao grupo a utilização de um antigo mercado público como espaço de comercialização, e a UFRPE e o Coletivo Aimirim se somaram àquela instituição para desenvolver um trabalho de assistência técnica e extensão rural (ATER) para 20 famílias agricultoras do município.

Uma das principais problemáticas enfrentadas ao longo da experiência, ainda é, a identificação e análise do machismo e a divisão sexual do trabalho vindos das próprias agricultoras. Segundo as agricultoras, seus companheiros não reconhecem seu trabalho como trabalho. De um lado, o trabalho doméstico é assumido pela maior parte dos membros da família como sendo “naturalmente” inerente às mulheres, não sendo reconhecido como trabalho, e de outro, na maior parte das vezes, a família, principalmente os homens, enxergam o trabalho braçal do campo como de origem, única e apenas do homem presente na casa. Além disso, é o único que é valorizado.

Decidir sobre sua própria vida, tomar parte em decisões que implicam na vida de todos (comunidade, sociedade) é uma questão de poder. Relações de gênero desiguais nas quais as mulheres são sujeitos oprimidos, pois as pequenas parcelas de poder ou os pequenos poderes que lhes tocam e que



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

lhes permitem romper, em alguns momentos ou circunstâncias, a supremacia masculina, são poderes tremendamente desiguais (COSTA, ANA ALICE, 1998, p.19).

Em quase dois anos de atuação do mercado, assim como da presença da maioria das agricultoras entrevistadas, da equipe de estudantes, professores e técnicos envolvidos, constituíram-se bons instrumentos de reflexão sobre empoderamento e autonomia feminina durante os encontros de planejamento e avaliação, atividades formativas e experimentos. Pode-se destacar a promoção da horizontalidade nas tomadas de decisões e ações em grupo, em paralelo à família atuante nas reuniões em cada propriedade, visitas de intercâmbio e oficinas de construção do conhecimento realizadas durante esse tempo.

A prova desses bons instrumentos de reflexão no grupo são claramente as falas das mulheres ao relatarem que não se sentem mais subordinadas às atividades domésticas, consagrando menos tempo a estas atividades e ressignificando a participação de seus cônjuges nas tarefas, embora que ainda haja muito a avançar na nossa opinião. Todavia, esses instrumentos passaram a acrescentar também de forma plural nas atividades do campo, em defesa das sementes crioulas, no melhor aproveitamento de quintais produtivos com plantas medicinais assim, resgatando saberes de suas ancestralidades.

Aprendi a plantar um leirão de coentro, o marido também aprendeu pois eu ensinei a ele através das reuniões que participamos. Tudo mudou por que ele, antes nem lavava uma colher, até as cuecas quem lavava era eu, agora ensinei ele a lavar depois que ele toma banho, ele lava e coloca no varal. (Agricultora)

Para outra agricultora houve mudança em relação à saúde, “a alimentação em casa mudou, começamos a comer mais verdura, e no trabalho do campo plantamos mais variedades”. Com relação ao trabalho doméstico, ela afirma: “mudou muito, agora cada um faz as suas tarefas, os meninos ‘tudim’ cada um ajuda”.

Produzir alimentos saudáveis também é construir libertação. A valorização do trabalho garante o auto-sustento e a continuidade na terra. Oportuniza à mulher se conhecer e ser reconhecida como trabalhadora, fazendo parte da história, no papel de protagonista, com oportunidade de, também, dirigir a cena. Lourdes Bordanese – Movimento de Mulheres Camponesas (MARONHAS, 2014)

Um outro aspecto ressaltado pelas agricultores está relacionado à educação alimentar das crianças e ao desafio que representa fazer a transição de uma alimentação cheia de produtos ultraprocessados para uma alimentação mais natural e saudável vinda “do quintal de casa”. É o que afirma uma outra agricultora:

Fiquei uma pessoa mais ágil na agricultura, comecei a conhecer mais coisas que eu não sabia. Meu filho, hoje em dia, já come pepino, tomate, alface e cebola assada. Antes ele só comia couve-flor, e assim eu quero inserir mais verduras na vida dele, frutas ainda bem que ele já come todas.

Para além das caracterizações relevantes de cada mulher, buscamos compreender como as mesmas refletem sobre suas experiências, em cada caso particular. Tais avaliações colaboraram para que as mesmas refletissem sobre o que não se configuram como uma mera ajuda, e que, portanto, necessitam



ser valorizadas como o seu trabalho no dia a dia, no qual as suas contribuições com a agroecologia fortalecem suas identidades como agricultoras.

Por fim, ressaltamos o caso do que mais se destacou no Mercado da Vida, devido à sua compreensão em termos do processo de transição agroecológica em termos da diversidade ofertada na banca em dias de feira. Tal resultado reflete muito a valorização e a reprodução da vida da família, e sobre a forma como os dois lidam com os obstáculos na relação, desse modo, ela afirma: “o companheirismo aumentou muito mais, assim como as amizades que a gente adquiriu aqui no mercado e em casa... mas sempre trabalhamos juntos”. Ela conta que, no final do dia, quando chegam em casa as tarefas também são divididas, “se eu vou lavar os pratos, ele vai e varre a casa... aí quando ele dizia: ah, mas eu não varro do seu jeito”. Ela rebatia, “ah, mas do jeito que você varrer já está ótimo! Aí não tínhamos aquele compromisso de dizer hoje os pratos são seus...sempre que possível estávamos um ajudando ao outro”.

Sobre a questão da saúde, é ótima porque estamos produzindo e consumindo, sabendo o que estamos consumindo. Não estamos apenas consumindo... Na sua horta não é assim, ali tudo está mais prático, e consumimos aquilo que sabemos que é de alta qualidade. Antes do Mercado, plantávamos apenas para o consumo só as hortaliças, mas, o inhame, banana sempre era para venda, em pequena escala.

É necessário propor que alguns parâmetros sejam considerados na análise sobre empoderamento: a construção de uma autoimagem e confiança positiva, desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente, a construção da coesão de grupo, a promoção da tomada de decisões; a ação. (COSTA, 2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto busca dar visibilidade ao feminismo enquanto projeto teórico-epistemológico e político e suas possíveis articulações com a pesquisa acadêmica recorrente de subsídios com a clínica feminista atuante nas ações do Mercado da vida em Bonito-PE. Por isso, os resultados aqui apresentados evidenciam a percepção, por parte das mulheres atuantes no mercado, de que é necessária a divisão do trabalho doméstico de forma justa para que não ocorra uma grande sobrecarga sob elas e comprometa a sua participação nesses espaços de comercialização que geram renda para a família. Essa situação ratifica a importância da sistematização das experiências que apontam para a produção agroecológica e para a participação em espaços políticos que tem contribuído para o empoderamento das mulheres e para que elas saiam do espaço doméstico obtendo mais independência e autoestima. Nessa perspectiva, as agricultoras, ao tomarem ciência dessa autonomia de forma a compreender que não é uma simples ajuda, mas, sim, trabalho igualitário, podem se tornar propagadoras desse conhecimento em seus diferentes locais de inserção.

Interessante perceber a importância da interface entre agroecologia e economia solidária para os resultados obtidos. Por um lado, a agroecologia traz em sua multidimensionalidade a importância de



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

reconhecer o lugar da mulher na construção dos processos de transição agroecológica. Com sua sensibilidade, elas quase sempre processam a importância de trabalhar a produção de alimentos saudáveis, inicialmente pelo menos na perspectiva de poderem trazer mais saúde para a família. Por outro lado, a construção de circuitos curtos de comercialização, aproximam produtores de consumidores e difundem um processo de consumo consciente provocado pela reflexão sobre a importância dos agricultores para a promoção da saúde e da alimentação saudável no município.

Finalmente ressaltamos como resultados dessa experiência três resultados preliminares, uma vez que o trabalho com as mulheres ganhará mais corpo em 2019. O primeiro deles refere-se à ampliação dos laços de sociabilidade para as mulheres a partir da implantação do Mercado da Vida, uma vez que semanalmente elas vão à sede do município para comercializar ao menos duas vezes ; O segundo elemento diz respeito à geração de renda, pois a maior parte das agricultoras não tinha renda nenhuma no momento da inauguração do Mercado da Vida. Agora, a maior parte delas tem uma renda que contribui muito para o início de sua autonomia ; Finalmente, o terceiro resultado refere-se à capacidade das mulheres de rediscutirem seu lugar na família e na sociedade a partir do chão do trabalho. Isto significa ressignificar a divisão do trabalho doméstico, pois não dão conta de realizar todas as tarefas como antes. Desta forma, os homens, ao verem a capacidade das mulheres na geração de renda, vão aos poucos admitindo a necessidade de dividir o trabalho doméstico para ampliar a renda da família.

Desse modo, é uma experiência importante a ser divulgada em meios acadêmicos, assim como o mercado é um espaço estratégico de autogestão das mulheres presentes nesse movimento agroecológico. Pretendemos apresentar histórias de luta, assim como as conquistas e os desafios da atuação feminina a partir da sistematização de experiências, do diálogo com as protagonistas e da interlocução na construção de políticas de fortalecimento das mulheres na agricultura rural.

REFERÊNCIAS

ANA (Articulação Nacional de Agroecologia). **Mulheres construindo a agroecologia**. Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro, 2008.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

BRANDÃO, C.R. Repensando a pesquisa participante. São Paulo Brasiliense, 1985.

COLTRANE et al. Research on household labor: Modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. *Journal of Marriage and the Family*, 2000, 62, 1208-1233

COSTA, ANA ALICE. **As donas no poder. Mulher e política na Bahia**. Salvador: NEIM/Ufba e Assembléia Legislativa da Bahia. 1998 (Coleção Bahianas, vol.2)

COSTA, Ana Alice. **Gênero poder e empoderamento das mulheres**. Texto Inédito, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA. 2017

GUÉRIN, Isabelle. Introdução Geral. In: As mulheres e a economia solidária. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 11-30.

Cadernos de Agroecologia - ISSN 2236-7934 – Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia – Vol. 15, Nº 3, 2020



III CIFA
COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

MELO, Hildete Pereira; DI SABBATO, Alberto. Gênero e trabalho rural 1993/2006. In: Di SABBATO, Alberto; MELO, Hildete Pereira; LOMBARDI, Maria Rosa; FARIA, Nalu. Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres. Brasília: MDA, 2009. 168p.

MARONHAS, et al. Agroecologia, Trabalho e Mulheres: Um olhar a partir da Economia Feminista. 18º REDOR, Recife, UFRPE, 2014

MORIN, A. Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropedagogia renovada. Rio de Janeiro, DP&A, 2004

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo, Cortez, 1985.